

Os espaços da luta antifascista em Porto Alegre (1926-1937)

The spaces of the anti-fascist struggle in Porto Alegre (1926-1937)

Frederico Duarte Bartz*

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar os espaços da luta antifascista em Porto Alegre entre os anos de 1926 e 1937. No texto são abordados os locais de organização dos diferentes grupos e como eles se articulavam no território da cidade. Também são estudadas as características que individualizavam as organizações antifascistas, como a origem étnica e a vinculação de classe dos militantes. Outro elemento importante que está presente nesta análise são as diferenças de ação política no espaço urbano, tanto no centro da cidade, quanto nos arrabaldes da capital. A investigação demonstra uma ação que era plural, intensa e bem distribuída em diversas regiões da cidade, arregimentando um significativo número de pessoas na luta contra o autoritarismo.

Palavras-chave: Antifascismo, Porto Alegre, Espaço Urbano

Abstract

The purpose of this article is to analyze the spaces of the anti-fascist struggle in Porto Alegre between the years 1926 and 1937. The text addresses the places of organization of the different groups and how they were articulated in the territory of the city. Also studied are the characteristics that individualized anti-fascist organizations, such as the ethnic origin and class linkage of the militants. Another important element that is present in this analysis are the differences in political action in the urban space, both in the city center and on the outskirts of the capital. The investigation demonstrates an action that was plural, intense and well distributed in different regions of the city, enlisting a significant number of people in the fight against authoritarianism.

Keywords: Anti-fascism, Porto Alegre, Urban Space

* Mestre e Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atualmente é Técnico em Assuntos Educacionais na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da mesma Universidade.

Entre os anos 1920 e 1940, uma série de grupos se levantaram contra o fascismo, formando organizações e lutando contra o autoritarismo pelas ruas de diversas cidades brasileiras. A participação de operários, artesãos, artistas e demais trabalhadores nestes movimentos foi significativa. Desta forma buscarei resgatar neste artigo parte dessa memória que se vincula à história das lutas populares, tendo como palco a cidade de Porto Alegre entre os anos de 1926 e 1937. A data inicial se refere ao surgimento do primeiro grupo antifascista na cidade e a data final se refere ao Golpe do Estado Novo, quando as articulações em torno da luta contra o fascismo se tornaram muito mais difíceis por conta do autoritarismo do novo regime. O objetivo deste texto é mapear os espaços da luta antifascista naquele período, quais eram os locais de organização e de mobilização, e como se articulavam e se diferenciavam no território da cidade, levando em consideração a pluralidade das diversas iniciativas.

Antes de tudo é preciso caracterizar o fascismo como um movimento que adquiriu formas diversas nos diferentes países em que esta corrente política se organizou, como o fascismo italiano, o nazismo alemão, o franquismo espanhol e o integralismo brasileiro. Desta forma falamos aqui de fascismos (não vinculados necessariamente ao modelo italiano), como uma generalização para diversas correntes políticas ideologicamente associadas ou análogas. Também faço referência a forma como estas correntes eram vistas e combatidas pelos militantes que se contrapunham a elas, cujos espaços de militância procuro mapear neste artigo. Entre alguns dos princípios que os movimentos fascistas defendiam podem ser elencados o nacionalismo; o anticomunismo; a oposição ao liberalismo e à democracia; crítica ao grande capital; defesa do militarismo, do corporativismo e da centralização do poder político; além de uma relação contraditória entre o tradicionalismo e a modernização (CALIL, 2001, p.147-159; ECO, 2017, p.7-16 e PAXTON, p.358-361).

Assim como o fascismo foi um movimento internacionalmente diverso, o antifascismo também adquiriu formas diferentes conforme o país onde se organizou. Na Itália, no início dos anos 1920, atuaram os *Arditi del Popolo*; na Alemanha, durante os anos 1930, surgiram o *Eiserne Front* (Frente de Ferro), sob influência dos socialdemocratas, e a *Antifaschistische Aktion* (Ação Antifascista, de onde se originou o termo) articulada pelos comunistas. No Brasil, surgiram a Frente Única Antifascista, em 1933, e a Aliança Nacional Libertadora em 1935. Como aponta Eric Hobsbawm, apesar da heterogeneidade, o antifascismo conseguiu unir uma gama considerável de forças em diversas partes do mundo, em uma luta que compartilhava alguns princípios comuns como o progresso social, a valorização de governos populares e o combate às desigualdades baseadas no nascimento ou na origem (HOBSBAWN, 1995, p.176).

No período dos entreguerras (1918-1939) na cidade de Porto Alegre viviam diversas comunidades de imigrantes e descendentes que mantinham vínculos com seus países de origem e isto foi um elemento de penetração do fascismo. Nesta cidade o integralismo também implantou seus núcleos e arregimentou militantes. Mas, como sempre é necessário afirmar, onde o

fascismo avança, levantam-se barreiras de resistência e, no caso de Porto Alegre, elas foram muitas. A seguir, veremos como estas diversas iniciativas de resistência se articularam pelo território da cidade.

O antifascismo entre as comunidades imigrantes e a ação política na região central da cidade

O primeiro grupo antifascista a se formar em Porto Alegre teve origem entre os imigrantes italianos. A partir do momento em que o Partido Fascista subiu ao poder em 1922, seus líderes procuraram estreitar os laços com as comunidades emigrantes, tentando identificar seus interesses com o regime vigente na Itália (BERTONHA, 1997, p.109-111). Esse movimento gerou uma reação e, para combater o avanço do fascismo na colônia italiana local, um grupo de imigrantes formou, em 23 de junho de 1926, o Grêmio Anti-Fascista Giácomo Matteotti (*A Federação*. Porto Alegre. 23/6/1926, p.5). O nome escolhido homenageava o líder do Partido Socialista assassinado por fascistas na Itália, em 1924, após denunciar publicamente os crimes do regime encabeçado por Mussolini.

O grupo elegeu uma diretoria composta por Affonso Dequigiovanni, Amilcar Ferrari e Carlos Gatti, procurando inicialmente difundir o jornal antifascista paulista *La Difesa* na capital gaúcha (*A Federação*. Porto Alegre. 6/7/1926, p.5). Logo após o Grêmio publicou um jornal próprio chamado *Liberdade*, onde analisava a situação de seus compatriotas na Itália e divulgava atividades antifascistas no Brasil. Esse grupo era formado principalmente por artistas, artesãos e profissionais liberais, tendo um forte apoio da maçonaria, através da figura do grão-mestre Carlos Frederico de Mesquita (BRUM, 2009, p.149-151), que neste mesmo período estava em campanha pela defesa da liberdade de consciência contra as chamadas “emendas católicas” apresentadas ao Congresso Nacional que abriam espaço para o ensino religioso nas escolas públicas (GERTZ, 2002, p.104-109). O grupo organizava palestras sobre temas antifascistas, denunciando a perseguição que os opositores de Mussolini viviam em sua terra natal (*Liberdade*. Porto Alegre, 10/7/1927. p.1 e 4).

Em termos de espaços de ação e organização, podem ser destacados dois lugares: o primeiro é o Hotel Jung, na Rua Voluntários da Pátria, local em que se deram as reuniões de formação do grupo e onde foi instalada a sede do jornal *Liberdade* em 1929 (o periódico também teve sua sede na Rua Marechal Floriano, n.132, atual n.112) (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 6/7/1926, p.4; *Liberdade*. Porto Alegre, 10/6/1927, p.4 e *Liberdade*. Porto Alegre, 10/6/1929, p.1). Outro local importante de organização foi a Livraria Americana, na Rua dos Andradas, que foi a primeira sede do Grêmio Anti-Fascista, também abrigando reuniões organizativas (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 8/7/1926, p.4). Também ocorriam atividades em outros lugares, como na loja maçônica Grande Oriente do Rio Grande do Sul, na Rua General Câmara (*Liberdade*. Porto

Alegre, 10/6/1927, p.4) ou na Chácara de G. Piovesan, na Rua União, n.624 (atual Pedro Boticário), no arrabalde da Glória (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 31/10/1929, p.4). Mas destacamos o Hotel Jung e a Livraria Americana porque estes podem ser considerados os locais de nascimento do movimento antifascista na cidade. Além disso mostram que as atividades do grupo se realizavam prioritariamente na região central de capital.

Em termos de espaço de ação, algo similar ocorre com o movimento antifranquista em Porto Alegre. Nos anos 1930, a principal associação espanhola da cidade era a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, fundada em 1893, com o intuito de ajudar os imigrantes em dificuldade, especialmente com o oferecimento de serviços de assistência médica (*A Federação*. Porto Alegre. 3/8/1908, p.2). Em março de 1929 foi inaugurada sua sede social na Rua Andrade Neves, n.23 (futuro n.81) (*A Federação*. Porto Alegre. 1/3/1929, p.5), que trazia em seu frontão o lema “*Hoy por ti, mañana por mí*”, evocando a natureza solidária com que havia sido fundada a entidade. A natureza da sociedade era ser apolítica e por esta razão, depois de 1931, com a Proclamação da República Espanhola, um grupo de sócios, entre os quais se destacavam Francisco Gaspar, Isidro Vila, Lourenço Pico e Fernando Corona (o arquiteto que havia projetado a sede social da entidade), fundou o *Centro Republicano Español*, passando a editar o informativo *España Republicana* (BRUM, 2013, p.102-104 e 119). Este periódico tinha sua sede no prédio do *Correio do Povo*, na Rua dos Andradas, n.972 (*Almanak Laemmert*, 1936, p.1265).

O Centro Republicano funcionava dentro da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, organizando atividades culturais e reuniões. Em 1936, com o início da Guerra Civil na Espanha, o presidente da sociedade, José Barreras Escalona, foi convidado pelo governo nacionalista para assumir o Consulado Espanhol em Porto Alegre. Em resposta os sócios pediram sua renúncia da entidade, o que demonstra que havia um sentimento de solidariedade ao Governo Republicano legitimamente eleito (PROCHNOW, 2014, p.116). Neste mesmo período o *Centro Republicano Español* de Porto Alegre se transformou em um dos muitos pontos de apoio brasileiros na luta contra o fascismo na Espanha. Em 1937 foi criado em São Paulo o *Comité Central de Propaganda de la España Republicana*, que arrecadava donativos, fazia circular propaganda e também organizava a ida de combatentes antifascistas para o território espanhol (SOUZA, 2005, p.45-46), e o Centro Republicano de Porto Alegre também somou-se a esta iniciativa de apoio e solidariedade internacional.

Com o final da Guerra Civil, em 1939, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos passou a se constituir em uma referência para os refugiados que vinham ao Brasil escapando da ditadura de Francisco Franco. Em contrapartida, esse processo fez com que os franquistas fundassem suas próprias associações, como a *Casa de España*, que ficou sendo uma referência para os nacionalistas. Anos mais tarde, em 1993, as duas entidades se unificaram no Centro Espanhol de Porto Alegre, depois de um longo processo de aproximação (PROCHNOW, 2014, p.139-143). Nos dias de hoje, o antigo prédio onde outrora foi a sede da Sociedade Espanhola

de Socorros Mútuos permanece como um lugar de memória da luta contra o franquismo e de um espaço de solidariedade em Porto Alegre, marcado inclusive pelo brasão republicano que ainda hoje persiste gravado em seu frontispício.

Nos dois casos analisados (antifascismo e antifranquismo), as ações políticas dos imigrantes estiveram localizadas no centro da cidade. Tanto o Hotel Jung e a Livraria Americana, quanto a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos tinham suas sedes no antigo perímetro urbano de Porto Alegre. O primeiro desses locais ficava no início da Avenida Voluntários da Pátria, próximo ao Mercado Público, centro comercial da cidade, enquanto os outros dois estavam próximos entre si, entre a Praça da Alfandega e a Praça da Marechal Deodoro, centro do poder político do Estado. Mas nem todos os grupos de imigrantes antifascistas localizaram suas ações nesse espaço, outros encontraram seu terreno de luta nos arrabaldes, como eram chamados os subúrbios onde vivia grande parte da classe trabalhadora da capital.

O antifascismo nas comunidades imigrantes e a ação política nos arrabaldes da cidade

Depois de 1933, quando Adolf Hitler chegou ao poder na Alemanha, intensificaram-se as articulações para organizar núcleos do Partido Nazista entre os alemães do exterior (em alguns casos esse processo havia começado antes, como em Porto Alegre, cujo primeiro núcleo fora fundado em 1931). E, como em todo processo de avanço do fascismo, também surgiu um movimento de resistência antifascista na cidade de Porto Alegre. Ainda no ano de 1933, foi fundada a *Liga Für Menschenrechte – Orstgruppe Porto Alegre* (Liga dos Direitos Humanos – Grupo Porto Alegre) e começou a ser publicado o jornal *Aktion*, com a principal finalidade de combater a ação dos nazistas no Rio Grande do Sul e no Brasil (*Aktion*. Porto Alegre. 18/5/1933. p.1-4). Uma das principais figuras da luta antinazista em Porto Alegre foi o anarquista alemão Friedrich Kniestedt, que já era uma liderança importante do movimento operário local e que administrava, junto com sua companheira Elisa Hedwig, a Livraria Internacional, localizada na Rua Voluntários da Pátria, n.1195 (KNIESTEDT, 1989, p138-140).

A Livraria Internacional, que se destacava por difundir literatura anarquista, passou a ser um dos centros nevrálgicos da luta contra o nazismo na cidade, como local de articulação da Liga dos Direitos Humanos e de produção do jornal *Aktion*. A Liga reunia um grupo heterogêneo de imigrantes alemães e tinha uma atuação muito próxima das sociedades beneficentes do arrabalde dos Navegantes. Na verdade, tanto a *Unterstützungskasse Navegantes* (Caixa de Auxílio Navegantes) quanto a *Verband Deutscher Kranken- und Sterbekassen* (Associação Alemã de Caixas de Auxílio de Doença e Morte) tinham Friedrich Kniestedt em suas direções, e o velho libertário aproveitou este terreno para arregimentar o proletariado de origem alemã contra o nazismo.

Na sede da *Unterstützungskasse*, na Avenida Brasil n.485, eram realizados bailes, campeonatos de bolão (*Kegel*), apresentações teatrais e de canto coral (*Aktion*. Porto Alegre, 17/7/1933, p.4; *Aktion*, Porto Alegre. 18/10/1933, p.4; *Aktion*, Porto Alegre. 21/12/1933, p.4; *Aktion*, Porto Alegre. 31/1/1934, p.4 e *Aktion*, Porto Alegre. 2/6/1934. p.4), como parte de um esforço para envolver os moradores do bairro, aproveitando as atividades recreativas e culturais para fazer a propaganda antinazista (GERTZ, 1985/1986, p.81). A *Verband* possuía um balneário particular na Rua Frederico Mentz, n.1419 (que dava para a orla do Guaíba), como espaço de lazer para os associados, em que eram realizadas festas em que se arrecadavam fundos para a luta antinazista (*Aktion*. Porto Alegre, 20/3/1934, p.4).

Além das atividades próprias das sociedades beneficentes, a *Liga Für Menschenrechte* promoveu encontros antinazistas em diversos pontos entre os arrabaldes da Floresta e dos Navegantes: foram organizadas reuniões na Rua Voluntários da Pátria, n.1185 (*Aktion*. Porto Alegre, 1/5/1935, p.6.), ao lado da Livraria Internacional; na Rua do Parque, n.280 (*Aktion*. Porto Alegre, 18/10/1933, p.4); na Avenida Brasil n.485 (*Aktion*. Porto Alegre, 6/9/1933, p.4) e na Rua Voluntários da Pátria, n.4047 (*Aktion*. Porto Alegre, 15/6/1933, p.4). É importante destacar que essas regiões eram tradicionalmente identificadas como de forte presença de imigrantes alemães, e, para além disso, como local de moradia de operários desta nacionalidade e seus descendentes. Deste fato deve-se depreender que a luta antinazista foi especialmente uma atividade que envolveu a classe trabalhadora, que vivia nos bairros industriais da cidade.

A partir de 1935, a Liga passou a realizar suas reuniões na região central, na Rua dos Andradas, n.1742 e na Avenida Júlio de Castilhos, n.38, endereço que também servia de sede para diversos sindicatos. Esse é o momento em que se tornam mais agudas as perseguições contra Kniestedt, tanto de parte da polícia, quanto dos nazistas (KNIESTEDT, 1989, p.156-158 e GERTZ, 1985/1986, p.81-82). Neste período Friedrich Kniestedt e Elisa Hedwig mudaram-se para uma chácara no arrabalde de Petrópolis, localizada no Beco do Salso, n.758 (na atual Avenida Cristiano Fischer, esquina com a Rua Palestina), passando a produzir o *Aktion* a partir de lá (*Aktion*. Porto Alegre, 10/1/1936, p.1). O jornal foi fechado em 1937, sendo que o movimento antinazista também passou a sofrer perseguições do governo durante a vigência do Estado Novo. Porém, com a entrada do Brasil na guerra, a partir de 1942 o antifascismo retoma força com a fundação do Movimento dos Antinazistas Alemães, organizado pelos antigos membros da Liga e pelo austríaco Johann Grimeisen (ECKEL, 2015, p.134-139).

Do período em que o antinazismo encontrou sua fortaleza e refúgio nos altos do Petrópolis (na época uma área rural no extremo leste da cidade), ficaram as memórias romanceadas por Moacyr Scliar no livro *O Exército de um Homem Só*. Nesta história, um judeu idealista chamado Mayer Ginzburg procura um lugar para fundar uma colônia (Nova Birobidjan), onde pudesse realizar seu sonho de emancipação humana através do socialismo e escolhe como local uma chácara pertencente ao alemão Marc Friedmann, que ficava no Beco do Salso

(SCLIAR, 1980). O personagem Ginzburg era inspirado em Henrique Scliar, tio de Moacyr, assim como o personagem Friedmann era inspirado em Kniestedt de quem Henrique era um grande amigo. Desta forma, por meios alegóricos, a Chácara de Kniestedt passou para a memória coletiva como ponto de referência na construção de um mundo mais justo e solidário, o que se adequa muito com a luta contra o fascismo.

Além dos alemães, é preciso lembrar os imigrantes judeus (como o próprio Henrique Scliar) como um grupo étnico que desenvolveu suas ações nos arrabaldes da cidade, mais especificamente no Bonfim. Na cidade de Porto Alegre a imigração judaica se intensificou a partir da década de 1910, com o estabelecimento de imigrantes (vindos principalmente da Bessarábia, na atual Moldávia) no arrabalde do Bonfim, onde se dedicaram ao comércio ambulante e ao pequeno artesanato (EIZIRIK, 1984, p.15-35). Esta comunidade judaica, que foi aumentando sua presença ao longo dos anos, formou um número considerável de associações beneficentes e culturais, algumas com forte influência dos socialistas ou comunistas.

Em 1929 surgiu o principal clube desportivo fundado pelos judeus da cidade, o Grêmio Esportivo Israelita, cuja sede ficava na esquina da Rua Bento Figueiredo com a Avenida Ramiro Barcelos, e que tinha seu campo de jogo onde hoje se situa o Hospital de Clínicas (*A Federação*. Porto Alegre, 12/8/1935, p.5 e *A Federação*. Porto Alegre, 10/3/1936, p.4). No ano seguinte surgiu uma das principais sociedades recreativas da comunidade, o Círculo Social Israelita, que organizava bailes e reuniões dançantes no Cine Baltimore (*A Federação*. Porto Alegre, 30/12/1931, p.6; *A Federação*. Porto Alegre, 23/1/1932, p.8 e *A Federação*. Porto Alegre, 10/2/1934, p.1). Entre os fundadores destas duas sociedades se encontravam nomes em comum como Beni Lichtenstein, Maurício Zaducliver e Willy Paulo Lewgoy (EIZIRIK, 1984, p.76-87).

Durante os anos 1930 os integralistas haviam estabelecido uma organização de extrema direita no Brasil que se inspirava sob muitos aspectos em elementos dos fascismos europeus. Um dos principais ideólogos do integralismo era o cearense Gustavo Barroso, cujo pensamento era marcado por um forte antissemitismo (TRINDADE, 1979, p.199-216). Na sua perspectiva, os judeus seriam os responsáveis pela decadência da civilização ocidental, ideia defendida a partir de uma argumentação contraditória que atribuía à comunidade judaica o controle sobre o capitalismo financeiro internacional, ao mesmo tempo em que a responsabilizava pelo avanço do bolchevismo. Neste período os integralistas passaram a promover passeatas pelas ruas do Bonfim, com seus uniformes verdes e gritos de “anauê”. Estas manifestações eram vistas pelos moradores do bairro como uma forma de intimidar os judeus que viviam naquela região da cidade, que eram vistos como inimigos da nação por setores da AIB. Isto ocorreu algumas vezes até que em determinado momento os membros do Círculo Social Israelita e do Grêmio Esportivo Israelita resolveram enfrentar os integralistas.

Os jovens associados das duas entidades se reuniram e partiram para o enfrentamento com os fascistas nas vielas e esquinas do arrabalde. O resultado da refrega foi que os integralistas nunca mais voltaram a marchar pelas ruas do Bonfim (EIZIRIK, 1984, p.77). Este relato, feito por Moises Eizirik, que escreveu as memórias da comunidade judaica de Porto Alegre, se aproxima da fala de uma liderança integralista entrevistada por Héglio Trindade, que conta das primeiras ações do grupo em Porto Alegre. Logo após a fundação dos primeiros núcleos da AIB na cidade, em 1934, seus integrantes começaram a realizar marchas pela cidade. Os integralistas resolveram fazer uma concentração no Bonfim, se localizando em frente à Capela do Divino Espírito Santo, no atual Parque Farroupilha, quando os comunistas (identificados desta forma pelo narrador) passaram a atirar contra os camisas verdes desde suas sedes, ocorrendo um tiroteio com a milícia integralista (TRINDADE, 2013, p.341-342).

Este enfrentamento poderia ter sido acompanhado de lutas de rua, conforme o relato de Eizirik. O Cine Baltimore, onde se reunia o Círculo Social Israelita, ficava de frente para o Parque, podendo ser a origem dos tiros contra os integralistas. O fato destas entidades, uma cultural e outra esportiva, serem identificadas como “comunistas” e terem encabeçado uma luta contra um grupo fascista não deve causar qualquer tipo de estranheza: a partir dos anos 1920 foi se conformando um campo político na comunidade identificado com o progressismo judaico, cujos militantes não limitaram suas ações às organizações políticas (AGUIAR, 2009, p.71-112). Em 1924, foi fundada a Liga Cultural Judaica, sob influência comunista; em 1927, foi formado o grupo Poalei Sion e fundada uma Escola Borochoy, da esquerda sionista e havia sindicatos, como dos alfaiates, com forte base entre os judeus. Se o Círculo e o Clube não podem ser identificados como comunistas ou socialistas, certamente seus membros circulavam em uma comunidade com forte presença de organizações progressistas, o que explica seu engajamento nesta ação antifascista.

Assim como os imigrantes alemães, os judeus também realizaram seu enfrentamento na periferia da cidade: como no primeiro caso, o Bonfim era uma região com uma presença importante de uma comunidade étnica específica, mas também existia um caráter de classe nessa organização espacial. Os grupos italiano e espanhol (especialmente os primeiros), tinham sua origem em profissões de classe média, assim como em intelectuais; os alemães, por sua vez, atuavam principalmente entre o proletariado fabril e os judeus progressistas eram principalmente operários, artesãos, pequenos comerciantes, mas também intelectuais. Ou seja, a condição de classe em que os militantes antifascistas se encontravam e o grupo a que eles dirigiam sua atuação acabaram por delimitar sua ação em diferentes regiões da cidade.

Para além dos grupos imigrantes, os militantes nacionais também enfrentaram o fascismo nas ruas de Porto Alegre, mas nesse caso sua ação política foi mais ampla e mais articulada espacialmente.

O antifascismo entre os militantes nacionais e a ação política territorialmente articulada

No ano de 1932 surgiu a Aliança Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado. Em suas ideias e em suas práticas, os integralistas exprimiam muitas das concepções dos fascismos europeus, como um forte sentimento nacionalista e anticomunista. Seus membros se vestiam de verde, por esta razão foram apelidados de galinhas verdes pelos antifascistas (TRINDADE, 1979, p.199-278). No combate ao avanço da AIB foi fundado, por influência do Partido Comunista, o Comitê Anti-Guerreiro de Porto Alegre, em agosto de 1934, que foi a primeira organização antifascista voltada especificamente para militantes brasileiros. Em seu manifesto se destacava o combate às guerras imperialistas, o combate ao fascismo, o apoio à União Soviética e às reivindicações da classe trabalhadora (*A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, 10/11/1934, p.4).

O Comitê ficava sediado no Sindicato dos Operários em Fábrica de Tecidos, na Avenida Eduardo, n.528 (atual Avenida Franklin Roosevelt), congregando trabalhadores das fábricas, empregados do comércio, intelectuais e estudantes. Sua direção estava a cargo do engenheiro Gabriel Pedro Moacyr, das operárias Edelmira Flores Cabral e Laura Longe, e do estudante Severino Ronki (*A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, 4/8/1934, p.4). No mês de setembro o Comitê organizou um grande festival contra o fascismo no Cinema Navegantes, que se localizava na Avenida Germânia (atual Avenida Cairú), no coração industrial de Porto Alegre, perto das grandes fábricas e das moradias operárias (*A Voz do Trabalhador*. Porto Alegre, 1/9/1934, p.4). Depois deste ato os integralistas decidiram realizar outro comício no mesmo Cinema Navegantes, com a presença do próprio Plínio Salgado, então os antifascistas resolveram impedir suas atividades.

Inicialmente, Abílio de Nequete (antiga liderança comunista que havia rompido com o partido, mas que era um apaixonado antifascista) postou-se com um cajado em cima do palco para impedir o comício, até ser retirado à força (TRINDADE, 2016, p.341). Logo após teve início a execução de um plano elaborado pelo Comitê Anti-Guerreiro para desbaratar o ato integralista. Eloy Martins, que era um importante líder dos metalúrgicos, e Agildo Barata, uma liderança militar que recém chegara do Rio de Janeiro, teriam a tarefa de cortar o fornecimento de energia elétrica do Cinema Navegantes, enquanto outro companheiro atiraria uma bomba de efeito moral dentro do salão para tumultuar o evento (MARTINS, 1989, p.58-59).

No momento em que Eloy Martins, que conhecia bem a central de distribuição de energia elétrica, ia desligar as luzes, Agildo Barata resolveu tomar para si a tarefa. Dentro do cinema, a bomba atirada contra uma parede provocou um susto momentâneo, mas além disso nada aconteceu e o evento dos integralistas continuou. Do lado de fora, porém, todo o Arrabalde dos Navegantes ficou às escuras, pois o tenente Agildo Barata havia cortado o fio errado da central

de energia elétrica (idem). Por mais heroica e abnegada que tenha sido a história da luta antifascista, ela também contou com alguns momentos de enganos e improvisos.

É possível identificar uma lógica espacial na formação do Comitê Anti-Guerreiro, que tinha seu funcionamento no Sindicato dos Operários em Fábrica de Tecidos, no Arrabalde dos Navegantes, dirigindo sua ação ao proletariado industrial que vivia naquela região. Esta organização teve uma atuação destacada de mulheres em sua direção, com as operárias Edelmira Flores Cabral e Laura Longe ocupando respectivamente a 2^a Secretária e a 1^a Tesouraria. As tecelãs eram uma das categorias com maior presença feminina nesta parte da cidade, inclusive a presença feminina neste setor da indústria sempre foi importante e seu papel foi fundamental para a constituição do sistema fabril no país (PENA, 1981, p.121-144). Havia um grande número de operárias tecelãs que viviam no Arrabalde dos Navegantes e elas também foram protagonistas da luta antifascista.

No ano seguinte surgiria a grande organização antifascista do período, a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Essa foi uma frente política surgida em 1935, congregando militantes comunista, socialistas, anarquistas e democratas, contando com a participação de diferentes setores sociais como trabalhadores, intelectuais e antigos “tenentes” descontentes com os rumos do governo Vargas. Um dos principais objetivos dos aliancistas era o combate ao fascismo e ao autoritarismo, mas seus militantes também defendiam a nacionalização de empresas estrangeiras, um amplo programa de reforma agrária e a implantação de um governo popular. O surgimento da ANL estava relacionado à formação das frentes populares organizadas pela Internacional Comunista para barrar o avanço do nazi-fascismo no mundo (PRESTES, 2008, p.25-89).

No Rio Grande do Sul a Aliança Nacional Libertadora foi oficialmente lançada no dia 5 de julho de 1935, com um grande comício realizado no Teatro São Pedro, ocasião em que o local ficou lotado. Nesta cerimônia foi escolhido como presidente da seção regional o escritor Dionélio Machado e, como secretário, o universitário Aparício Cora de Almeida, este último militante do PCB. Durante a cerimônia esteve presente Maura de Senna Pereira, representante da Federação Nacional das Mulheres, organização ligada às militantes comunistas. Antes deste evento, entretanto, a ANL já havia organizado uma rede de núcleos nas diferentes regiões da cidade, além de Núcleos Profissionais e Núcleos Estudantis (KONRAD, 1994, p.178-196).

Durante os meses de junho e julho de 1935 haviam sido estabelecidos o Núcleo Estadual Provisório na Rua Vigário José Inácio, n.308 (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 9/6/1935, p.14); do Montserrat na Rua Maryland, n.1230 (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 23/6/1935, p.19); do Terceiro Distrito na Rua Fernandes Vieira, n.309 (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 27/6/1935, p.9); do Quarto Distrito na Avenida Brasil, n.498 (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 28/6/1935, p.11) e o da Azenha na Lomba do Cemitério (atual Avenida Oscar Pereira) (*Correio do Povo*. Porto Alegre,

12/7/1935, p.5). A Aliança também havia criado núcleos vinculados a profissões, como o Núcleo dos Metalúrgicos, que se localizava na Rua Luís de Camões, n.411 (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 25/6/1935, p.9), no Partenon; dos Madeireiros, na Rua Pereira Franco, n.293, no arrabalde de São João; e dos Alfaiates, que passou a funcionar junto ao Núcleo do Terceiro Distrito, no Bonfim (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 27/6/1935, p.9).

Os núcleos dos Comerciantes, dos Bancários, dos Gráficos, dos Barbeiros dos e Trabalhadores da Imprensa funcionavam na Rua Vigário José Inácio (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 27/6/1935, p.9; *Correio do Povo*. Porto Alegre, 29/6/1935, p.5; *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 29/6/1935, p.5 e *Correio do Povo*. Porto Alegre, 2/7/1935, p.7). Além desses também foram formados núcleos na Universidade de Porto Alegre, nas faculdades de Medicina e Direito, que são igualmente instalados no Diretório Estadual Provisório da ANL (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 20/6/1935, p.5 e *Correio do Povo*. Porto Alegre, 26/6/1935, p.5).

No caso da ANL, pode ser observada uma relação entre o espaço geográfico e a concentração de determinadas categorias de trabalhadores pela implantação mesma dos núcleos distritais e dos núcleos profissionais. O Núcleo dos Marceneiros se localizava no Arrabalde de São João, que juntamente com os Navegantes concentrava grande número de fábricas de moveis e marcenarias. O Núcleo do Partenon, se localizava ao lado da Companhia Geral de Indústrias, uma das maiores empresas metalúrgicas da cidade. O Núcleo dos Alfaiates, por sua vez, funcionava no Bonfim, onde a presença destes trabalhadores, bastante significativa entre os imigrantes judeus, também se fazia visível.

Seis dias após seu lançamento oficial, a ANL teve seus núcleos fechados por determinação do governo Vargas. Na verdade, a Aliança vinha sofrendo uma oposição sistemática dos setores mais conservadores da sociedade do Rio Grande do Sul desde o momento em que começou a se organizar no estado, sendo criticada pelo governo e seus apoiadores, pela Igreja Católica, pelos integralistas e pela imprensa conservadora. Mesmo com uma grande recepção entre a classe trabalhadora e com a difusão rápida de sua estrutura pelo território da cidade, a Aliança não teve tempo nem apoio suficiente para organizar uma resistência mais articulada contra o golpe que sofreu (KONRAD, 1994, p.223-234).

Mesmo com sua curta duração, esta foi a mais importante das iniciativas de combate ao fascismo naquele período, que procurou estabelecer pontos de apoio em diferentes partes da cidade e em diferentes setores da classe trabalhadora. Pode-se dizer que a ANL foi uma organização que buscou incorporar uma lógica territorial e as relações entre os espaços da cidade e seus militantes como elemento de combate ao fascismo.

Conclusão

Nesse artigo procurei mostrar a constituição de diferentes espaços de luta antifascista em Porto Alegre entre 1926 e 1937. Esse processo dependeu de uma série de fatores, como o pertencimento a determinada comunidade imigrante, a vinculação com a classe trabalhadora organizada ou com determinado movimento político. O que pode ser observado como característica comum, no entanto, foi a constituição de uma série de entidades e movimentos que se espalharam pela cidade, demonstrando que o ímpeto de luta contra o autoritarismo encontrou acolhida entre significativos segmentos da população, tanto da região central quanto dos arrabaldes.



Jornais Consultados

A Federação, Porto Alegre - 1908 - 1934.
Almanak Laemmert, Rio de Janeiro - 1936.
Aktion, Porto Alegre - 1933 - 1937.
A Voz do Trabalhador, Porto Alegre - 1934.
Correio do Povo, Porto Alegre - 1926 - 1935.
Diário de Notícias, Porto Alegre - 1935.
Liberdade, Porto Alegre - 1927 - 1929.

Bibliografia

AGUIAR, Airan Miliutski. *Saudações para um mundo novo: o Clube de Cultura e o progressismo judaico em Porto Alegre*. Porto Alegre: PPG em História da PUCRS, 2009. (Dissertação de Mestrado).
BERTONHA, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília, n. 40, v. 2, 1997.

- BRUM, Rosemary Fritsch. *Tempos Narrados: os espanhóis em Porto Alegre*. Porto Alegre: Animal, 2013.
- BRUM, Rosemary Fritsch. *Uma cidade que se conta: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20 e 30*. São Luís: EDUFMA, 2009.
- CALIL, Gilberto. *O Integralismo no Processo Político Brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*. Niterói: PPG em História da UFF, 2005. (Tese de Doutorado).
- ECKEL, Maren. Entre a Resistência e a Resignação: as atividades políticas do exílio alemão no Brasil. 1933-1945. *Projeto História*. São Paulo, n. 53, Mai-Ago, 2015.
- ECO, Umberto. El fascismo eterno. *Revista La Biblioteca*, Buenos Aires, Cuarta época, Ano 1, n.2, dez/2017.
- EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/Educs, 1984.
- GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- GERTZ, René. Operários Alemães no Rio Grande do Sul ou Friedrich Kniestedt Também Foi um Imigrante Alemão (1920-1937). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.6, n.11, set. 1985/fev. 1986.
- KNIESTEDT, Friedrich. *Memórias de um imigrante anarquista*. (tradução, organização e notas de René Gertz). Porto Alegre: EST, 1989.
- KONRAD, Diorge Alcenio. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. (Dissertação de Mestrado).
- HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARTINS, Eloy. *Um depoimento político: 55 Anos de PCB: Memórias de um Metalúrgico*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1989.
- PAXTON, Robert. *Anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PENA, Maria Valéria Juno. *Mulheres e Trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Luís Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- PROCHNOW, Lucas Neves. *Memórias, narrativas e histórias: a imigração espanhola em Porto Alegre (1940-1970)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.
- SCLIAR, Moacyr. *O exército de um homem só*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- SOUZA, Ismara Izepe. *Solidariedade Internacional: a comunidade espanhola do Estado de São Paulo e a polícia política diante da Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2005.
- TRINDADE, Héglio. *A tentação fascista no Brasil: imaginários de dirigentes e militantes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Difel, 1979.

Artigo recebido em 02/08/2020 e
aprovado para publicação em 30/09/2020